



Tarcísio Sardinha
Músico

Concerto para violão e vida: vivências sonoras de um homem transformado em musicalidade pura

É abraçado ao violão que ele fala. Corpo e instrumento musical tornam-se um só, agarrados um ao outro, ligados intimamente pelos acordes que fazem vibrar a existência. Música e vida são inseparáveis em Tarcísio de Lima Carvalho: a caminhada do Tarcísio Sardinha confunde-se com uma imersão em universos de sonoridades. É sempre momento de tocar, compor, explorar os sons e os silêncios, para inventar sensorialidades que operam a transfiguração do homem em musicalidade pura. Se a vida torna-se música, o que dá o tom ao estar no mundo são as sensações guiadas por melodia, ritmo e harmonia.

Ele compõe a vida, escreve a própria trajetória como construtor de relações giradas em torno dos sons. Dois motivos musicais associam-se: a família e a amizade. Para a família, compôs um tema de cumplicidade e de compreensão, com a suavidade dos sons misturada ao burlesco, à marca moleque do autor. No estilo boêmio, o espírito do menino brincalhão e a bebida tantas vezes inspiradora conduziram à leveza. Com os amigos, afirma uma arte de relações fortes e duradouras, um companheirismo solidamente afirmado. A entrega de Sardinha ao outro está no primeiro plano sonoro da vida do compositor: reflete-se mesmo na postura humilde e discreta da carreira musical e na defesa da posição de quem "dá a bola para o cara fazer o gol".

Nessa caminhada, as notas sucederam-se rapidamente. Mal deu para perceber quando o garoto de apenas 15 anos já era um músico profissional. Cedo pegou o violão e seguiu: cavaquinho, bandolim, guitarra. Quando a música vem, não é possível parar. Sardinha entrou no compasso acelerado do aprendizado autodidata, da curiosidade inquieta e da intuição. É aptidão, "música é coisa de aptidão mesmo". O mergulho nas vivências

sonoras instaurou um caminho a trilhar – só deu para ter consciência depois. A efervescência dentro de si marcou o andamento. Era desejo pulsante de extravasar sonoramente o que estava no interior do ser. Além do virtuosismo, Sardinha traz afirmação de sensibilidade.

Consegue organizar com perfeição os elementos do viver e do tocar. Consonância: Sardinha sabe ir e vir, de um instrumento a outro, de um estilo a outro, de um afeto a outro. Ordena os acordes da vida, faz-se homem aberto aos sons do mundo – a sonoridade passa pelo ouvido absoluto, e do coração incondicional sai a musicalidade vibrante. Mesmo diante das eventuais dissonâncias, acidente que o fez quebrar o braço e parar momentaneamente de tocar, Sardinha sabe incorporar a dor como potência criadora e não se afasta nenhum momento da música. Os efeitos dissonantes também são parte essencial da vida e da música: são eles que deslocam os sentidos e instalam novas sensações de mundo.

O sentimento doce do chorinho cadencia os movimentos das mãos, do olhar, da fala. A delicadeza do toque nas cordas do violão convoca a uma experiência, a um só tempo, sonora e tátil: a música, mais abstrata das artes, deve não apenas ser ouvida, mas também, efetivamente, pegada – a mão que acaricia o violão é o corpo todo que se envolve no mergulho das sonoridades. Sardinha abraça essa imersão, deixa-se levar pelas ondas da música, pela invenção de espaços a partir da arquitetura sonora, pela instauração de tempos a partir do vagar despreocupado no compasso da pulsação. O bandolim entoou a melodia, o cavaquinho dá o ritmo, o violão organiza a harmonia: nas rodas de choro, Sardinha multiplicado rende-se à inesgotável composição da música-vida que ressoa perpetuamente a existência.

Equipe de Produção:

Allan de Lima
Cleisyane Quintino
Paulo Araújo

Texto de abertura:

Érico Araújo Lima

Participação:

Allan de Lima
Caio Mota
Cleisyane Quintino
Érico Araújo Lima
João Carlos Bento
Natália Maia
Paulo Araújo
Renata de Lima
Tatiane Jovino
Thais Jorge

Fotografia:

Isabel Paz



Entrevista com Tarcísio de Lima Carvalho, dia 11 de novembro de 2010

Allan – A música esteve presente na sua vida em todos os momentos. Ainda muito novo, por curiosidade de ver os outros tocando, você quis aprender a tocar. De repente, quando menos esperou, você já era um músico profissional. Na pré-entrevista, você reconhece que não escolheu a música como profissão, mas ela o escolheu. Como foi para você quando se deu conta de que aquela atitude, a princípio despretensiosa, de aprender a tocar iria direcionar o rumo da sua vida, dando os primeiros passos para você se tornar o músico que você é hoje?

Sardinha – Foi naquele dia do festival da FM do Povo (*pertencente ao Grupo de Comunicação O Povo, a rádio FM do Povo foi fundada em 1980. No primeiro ano, já era a rádio mais ouvida em Fortaleza. Atualmente, é a FM Mix 95,5*) no anfiteatro da Volta da Jurema (o nome oficial é anfiteatro Flávio Ponte. Inaugurado em 1981, situa-se na orla de Fortaleza e tornou-se espaço bastante frequentado por quem queria ir a shows musicais), em 1981. Foi quando conheci outros músicos do cenário de Fortaleza. Foi ali que eu vi que estava dentro do meio musical. A partir dali que comecei já a receber convites de outros grupos, de outros cantores. Já estava profissional.

Allan – Foi instantâneo esse amor pela música?

Sardinha – Rapaz, eu não escolhi a música. Quando peguei num violão pela primeira vez – parece mentira – com três meses, eu já estava praticamente profissional. Existe o termo profissional (*de duas formas*)... Profissional é o cara que vive da música. E existe também o profissional (*como*) aquele que já está apto a exercer a profissão. Existem esses dois lados. Com três meses que eu peguei um instrumento pela primeira vez, eu já estava apto a trabalhar como músico. Foi tão rápido! Quando dei por mim, eu já estava trabalhando.

Allan – Mas foi surpresa para você essa habilidade de pegar muito fácil o instrumento?

Sardinha – Não. Porque quando a gente é dessa idade, jovem, não sente isso. A coisa vai acontecendo e você não vê. Não tem como ver isso. Você vai tocando, tocando, tocando... Eu chegava do colégio 11 horas da manhã e não ia nem almoçar. Ia direto para

o instrumento. É “o verme”, como se diz, né? (*Risos*). Você nem sente... É coisa que vai acontecendo mesmo. Eu sempre fui um aluno regular. Nunca fui um excelente aluno, nem também fui um péssimo aluno. Só que, quando a música chegou, foi muito cedo, e a música para mim falou mais alto. Já desde pequeno, desde o ginásio, já era mais para música do que para o colégio. Que negócio doido... Já tocava muito e me profissionalizei muito cedo também.

Caio – Tarcísio, você subiu pela primeira vez num palco aos 13 anos de idade. Aos 15 anos, você já era músico profissional e foi considerado o melhor cavaquinista do Nordeste. Como é que era lidar com o fato de ser tão respeitado pelos músicos profissionais da época e ser tão jovem ao mesmo tempo? A falta de maturidade o prejudicou em algum momento naquela época?

Sardinha – Não, não. Muito pelo contrário. Eu sempre fui muito bem acolhido pelos músicos mais antigos. Sempre estive nas rodas com os mais antigos. Isso se refletiu na minha vida toda até há pouco tempo. Por exemplo, os meus ídolos daquela época, nunca pensei que fosse trabalhar com eles. Eu era fã do Fagner (*Raimundo Fagner, cantor, compositor e instrumentista cearense, nascido em 1949*), hoje ele é meu amigo. Gravei aquele disco dele com o Baleiro (*Zeca Baleiro, cantor e compositor maranhense, nascido em 1966*). Assim como o Fagner, o Belchior (*cantor e compositor cearense, nascido em 1946*), o Ednardo (*cantor e compositor cearense, nascido em 1945*), e outros mais. E o Altamiro Carrilho (*músico, compositor e aclamado flautista brasileiro, nascido em 1924. Já gravou mais de cem discos e está entre os maiores nomes da história do chorinho*). Comecei a tocar ouvindo discos do meu avô (*com músicas do*) Altamiro Carrilho tocando flauta. Isso na década de 1970. Altamiro Carrilho para mim era um deus. E eu nunca pensei que iria tocar com ele. Hoje é meu amigo, já toquei com ele, já gravei com ele... Sempre trabalhei com pessoas mais velhas do que eu porque comecei muito cedo. Mas (*isso*) só fez me ajudar. Na primeira vez em que fui tocar num grupo de choro, que era só “coroa”, os caras nunca pensaram que eu ia “dar no couro”. Eu era bem novo mesmo em relação a eles, diferença de 30 anos

O nome de Sardinha foi sugerido por Natália. Ele havia tocado no aniversário de 15 anos dela. Mas o entrevistado também era conhecido pelo restante da turma, porque a filha dele, Bárbara Sena, é também estudante de Comunicação Social.

Quando a produção entrou em contato com Sardinha para marcar a primeira pré-entrevista, o músico pensou que teria de passar por uma seleção para ser um dos entrevistados desta edição da revista, quando, na verdade, já era um dos escolhidos pela turma.

No total, a produção conversou com as irmãs Kátia e Cristina de Lima, a mãe Simone de Lima, a esposa Diana Sena, a filha Bárbara Sena e os jornalistas Flávio Paiva, Tarcísio Matos e Nelson Augusto.

ou mais. Eu aprendi muito com meus amigos mais velhos e é o que acontece comigo hoje. Quem me conhece sabe que eu tenho muitos alunos. Essa nova geração do chorinho de Fortaleza – que a minha formação é de choro – não tem ninguém que não tenha passado por mim. Esses meus alunos todos tocam comigo, trabalham comigo.

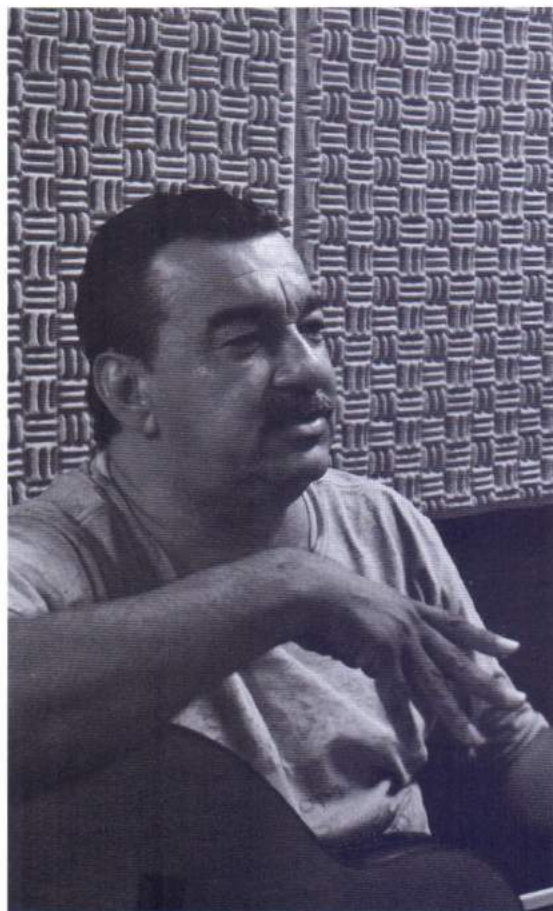
Natália – E, quando você estava no palco, como você fazia para manter a tranquilidade? Porque tem a pressão de você não poder errar...

Sardinha – ...Tem. Dependendo da situação, o nervosismo existe. Na primeira vez em que toquei no José de Alencar (*Theatro José de Alencar, em funcionamento desde 1910, é um tradicional equipamento cultural de Fortaleza*) num show meu mesmo, foi no lançamento de um disco (*meu*). Quando é um trabalho seu mesmo, a responsabilidade aumenta. Eu nunca tinha ficado nervoso no palco. Eram dois músicos tocando. Era o show do Manassés (*Manassés de Sousa, violonista cearense de Maranguape*) e o meu na mesma noite. Nesse dia, eu, sinceramente, nunca vi aquilo na minha vida, nunca me esqueci daquilo. Eu toquei uma música todinha me tremendo. Todo me tremendo. Tremendo a perna e... Eu não sei como consegui tocar. Foi a primeira vez em que toquei num show meu mesmo. As pessoas foram ali para ver meu show. Geralmente, não (*tenho esse tipo*

de problema). Eu sou muito tranquilo em palco. Mas nesse dia... Nunca contei isso para ninguém, estou contando agora para vocês. Nesse dia, eu só fui parar de tremer lá para a terceira música.

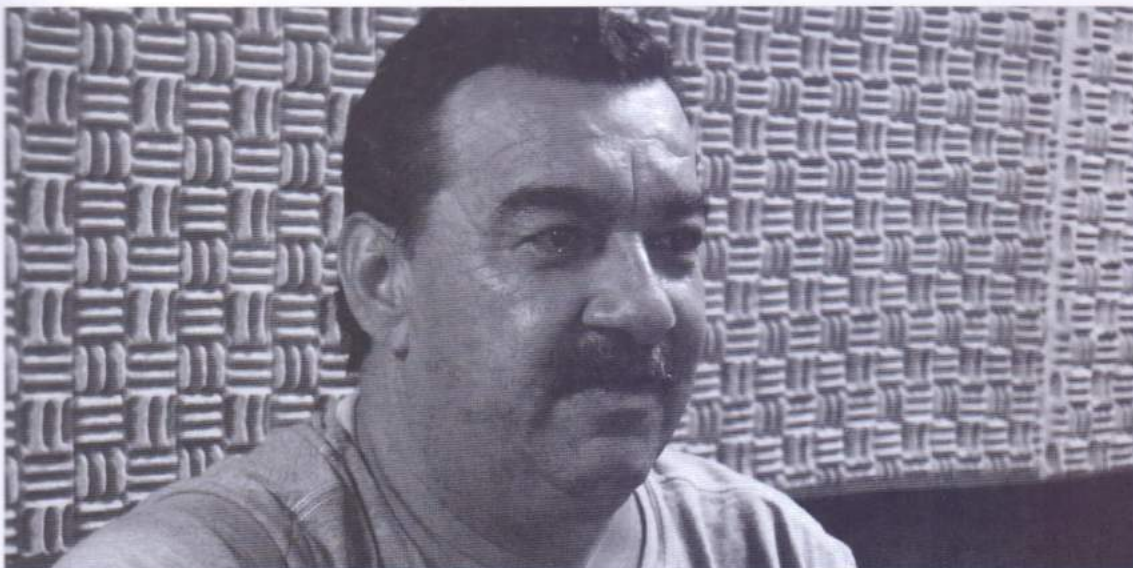
Paulo – Tarcísio, como foi o início do seu contato com os outros instrumentos, já que desde cedo você se considera um multi-instrumentista?

Sardinha – Eu comecei com o violão. Logo depois veio o cavaquinho. Depois do cavaquinho, eu já comecei a tocar num grupo de baile (*grupos de baile, no meio musical, são bandas que tocam em festas, como formaturas e casamentos*). Foi aí que veio a paixão pela guitarra. Usei cabelão, toquei rock, tudo o que você imaginar, eu fiz. Depois da guitarra, o bandolim. Um negócio engraçado, para você ver como é esse negócio de música quando você não tem para onde correr mesmo. Eu tinha um grupo de baile (*Banda Nova*), a gente tinha teclado e tudo. A sede – a gente chamava de sede do conjunto – era a minha casa. Tinha dois teclados, tinha bateria, tinha todos os instrumentos de baile. Eu morava numa casa que era de dois andares. Os quartos eram em cima e a aparelhagem ficava em baixo. Eu não sabia nem onde era um dó num piano. Depois que o conjunto acabou, (*depois de*) vários anos, eu não tinha nada de piano. Tinha uma senhora (*que morava*) em frente à minha casa que uma neta dela tocava piano, e ela (*a neta*) faleceu. Não sei por que despertei para esse piano. Era um piano mesmo, um móvel, armário. Comprei o piano da mulher, botei na sala. Eu me acordava de madrugada, às 4 horas da manhã, e descia para estudar piano. Sozinho. Com três meses – a mesma coisa do violão – eu estava trabalhando, tocando piano. Você acredita nisso? Eu trabalhei num restaurante tocando piano. Eu não sou um pianista, mas toco. Tudo o que eu sabia do violão, passei para o piano. Formação de



A produção pediu para Sardinha sugerir um local onde a entrevista pudesse ser realizada. O músico logo indicou o Estoril, na Praia de Iracema. No entanto, o local não estava recebendo visitas do público.

“Eu não escolhi a música. Quando peguei num violão pela primeira vez – parece mentira – com três meses, eu já estava praticamente profissional”.



A entrevista aconteceu no estúdio de rádio do Curso de Comunicação Social da UFC. O estúdio fica no segundo andar do prédio do curso. Por medo, Sardinha não quis subir de elevador, preferiu as escadas. Na descida, também foi pelas escadas.

acordes e tal... E montei um repertório. Só isso que eu fiz. E fui trabalhar. Essa daqui é a turma que diz: eu sou o músico profissional mesmo, no sentido de que vive da música, o famoso operário da música. Aquela coisa de você viver de música mesmo. Tem muita gente que toca (*e não é músico profissional*) – e não é uma questão de tocar bem ou mal. É o lance de você viver da música, e sempre vivi da música. É a profissão que veio para mim mesmo, não tem para onde correr.

Hoje, viver da música todo mundo sabe que é uma coisa difícil. Mas, ao mesmo tempo, é uma profissão que – é como a de vocês – é muito abrangente. Vocês podem ir para um lado, podem ir para o outro, televisão, jornal, rádio... Tem muito campo para você correr. A minha é do mesmo jeito. Posso tocar de batizado até enterro. O que é que eu faço, além de ser músico, de acompanhar cantor, de tocar sozinho, de tocar em bailes, em teatro e todo canto? Sou professor de música, também dou aula, trabalho em estúdio, a gente vai se virando. Tem vários cantos (*para trabalhar*). Trabalho com jingle (*música simples e publicitária feita para um produto ou empresa*) também, produzo discos... A vantagem da profissão é essa. A dificuldade da música é somente porque não tem estabilidade, ainda. Está mudando. A partir de 2011, não sei se vocês estão sabendo, a música vai ser obrigatória nas escolas. Vai ter mais trabalho para a gente.

Érico – Dentro dessa questão ainda do multi-instrumentista. Além da técnica para aprender vários instrumentos, para dominar vários instrumentos, como é que você trabalha a sensibilidade para cada som, essa diferença de instrumentos?

Sardinha – Muito boa sua pergunta. O violão é meu instrumento primeiro, o que eu toco mais. Eu me dou melhor com ele.

Cheguei a estudar violão clássico um tempo em João Pessoa (*capital do Estado da Paraíba*), com uns 20 e poucos anos. Fui estudar exatamente para isso, para melhorar minha técnica, estudar um pouco de teoria – que até então (*eu*) não tinha estudado. Naquela época em que comecei a tocar, que foi pela década de 70, ninguém tinha (*onde estudar*), internet nem pensar, nem livros tinham aqui. O curso de música da Universidade Estadual (*Universidade Estadual do Ceará – Uece, em funcionamento desde 1977*) era no Conservatório Alberto Nepomuceno (*o conservatório foi fundado em 1938. Até hoje oferece cursos de música próprios e de extensão das universidades públicas do Ceará*), e não existia nenhum instrumento, exceto piano. Não era minha onda piano naquela época em que eu comecei. Eu só tinha violão.

Fiz vestibular para música em 1983 e não passei por causa de uma questão de Química. Eu trabalhava na noite, trabalhava todo dia, tocava de segunda a domingo. Só folgava de segunda, aliás. (*Tocava*) de terça a domingo. Eu me lembro que fui fazer vestibular lá de onde eu tocava. Saí de lá 5 horas da manhã, ou 5h30, mais ou menos. Eu tocava até de manhã, na Beira-Mar. Então, fui fazer vestibular. Eu sempre fui muito bom em matemática e estava bem nas provas todas. Estudei em colégio de Estado e praticamente não existia Química. Impressionante isso! Não tinha Química. O nome da matéria era Ciência. Não tinha porra nenhuma, não tinha Química, não tinha nada! Química orgânica, nem pensar. Então, na Uece, é o seguinte – eu não sei como é hoje – mas na minha época (*década de 1980*) você tinha de fazer 30% da prova. Você tinha de fazer 13 questões, e eu fiz 12. Não passei por causa de uma questão. Eu tenho lá em casa o livrinho da

Sardinha também tem medo de lugares fechados. No shopping, ele nunca põe o carro no estacionamento subterrâneo. Não anda de elevador, não usa ônibus e prefere andar de carro quando ele mesmo dirige.

Na pré-entrevista, quando dissemos a Sardinha que seriam dez entrevistadores, ele ficou assustado e disse: "O que vocês vão fazer comigo?" No dia da entrevista, quando viu todo mundo, disse: "O negócio é sério!"

Uece ainda! Eu poderia ter feito (*o vestibular*) de novo, esperava um semestre ou um ano. Só que a minha vida era muito atarefada. Sempre foi. Eu tocava demais, bicho! Eu trabalhava demais, a noite toda. Trabalhava todo dia. Ainda hoje é (*atarefada*), mas hoje a gente já pode escolher os trabalhos da gente. Naquela época não, era ralação mesmo. Hoje estou perdendo muita coisa, deixando de fazer muita coisa... Eu não digo isso com tristeza não, digo até com alegria. Eu tenho vários professores do curso de Música da Uece que são meus alunos, e todos eles são loucos que eu vá para lá dar aula, mas eu não vou. Eu não dou aula lá na Uece porque não sou formado. Só por isso. Todo mundo sabe que a minha praia é mais é choro, a minha formação é de choro, eu vim do choro. Muitos professores e alunos me consideram o papa do choro. A turma sabe disso. Na Uece, agora, estão fazendo um grupo de choro. Perdi muita coisa mesmo em não ter terminado meu curso.

Caio – Em relação ainda a esse ponto dos instrumentos musicais. O senhor falou que não se considera um violonista, mas sim um músico. Eu queria saber, na sua visão, qual é a diferença entre o violonista e o músico.

Sardinha – Por exemplo, o Nonato Luiz (*é um renomado compositor e violonista cearense, dono de uma obra musical com cerca de 540 composições*) é um excelente violonista, meu amigo, meu parceiro. É violonista porque se dedica só ao violão o dia todo. (*Ele*) estuda (*violão*) no mínimo 6 horas por dia. Não tem perigo de em um dia ele não tocar 6 horas. Tocar não, estudar. Tocar, eu toco até mais que isso por dia. Há dias em que toco 25 horas. Ele estuda mesmo! O que é o estudar? É você pegar aquela frase, repetir milhões de vezes. Ver aquela técnica da mão direita, da mão esquerda, estudar... Ele é o violonista, que se dedica profundamente ao violão. Eu não. Por que eu digo que sou um músico? Porque você pode ser músico sem tocar nenhum instrumento. Você (*pode*) não tocar nenhum instrumento e ser músico. Músico é uma coisa, instrumentista é outra coisa, bem diferente. Não sou um violonista porque, embora eu toque violão há muito tempo e estude o violão também, não (*estudo*) só o violão. O negócio de eu tocar vários instrumentos é outra coisa também, porque não decidi tocar vários instrumentos. Foi a mesma coisa do violão, foi coisa que veio mesmo. Veio e tive facilidade. Então, por que não?

Antigamente, por incrível que pareça, as pessoas condenavam isso (*de tocar vários instrumentos*). Ainda hoje, muita gente condena. Os mais conservadores condenam. "Poxa, tu vai tocar um bocado de instrumen-

to, acaba tocando nenhum." Tem esse papo. Mas isso não existe. Hoje em dia, não existe mais isso. É o contrário. Para quem trabalha com música, o cara que toca só um instrumento "tá lascado". O cara quer um músico que toque, pelo menos, dois instrumentos. Daí pega três, quatro músicos e resolve a "parada todinha" na banda. Se você tocar (*só*) um instrumento, você não trabalha praticamente. O cara encontra um (*músico que toca*) contrabaixo que diz: "Rapaz, eu só toco contrabaixo." Poxa, aí fica difícil demais. Já é difícil para o músico, para ele vai ficar mais difícil ainda. Então, eu comecei a tocar vários instrumentos também por isso. Mas também pelo amor à música. Por exemplo, o choro. Quais são os instrumentos de corda que compõem o choro? O violão de seis cordas, o (*violão de*) sete cordas, o cavaquinho e o bandolim. Esses instrumentos, já saí tocando. Um é parecido com o outro.

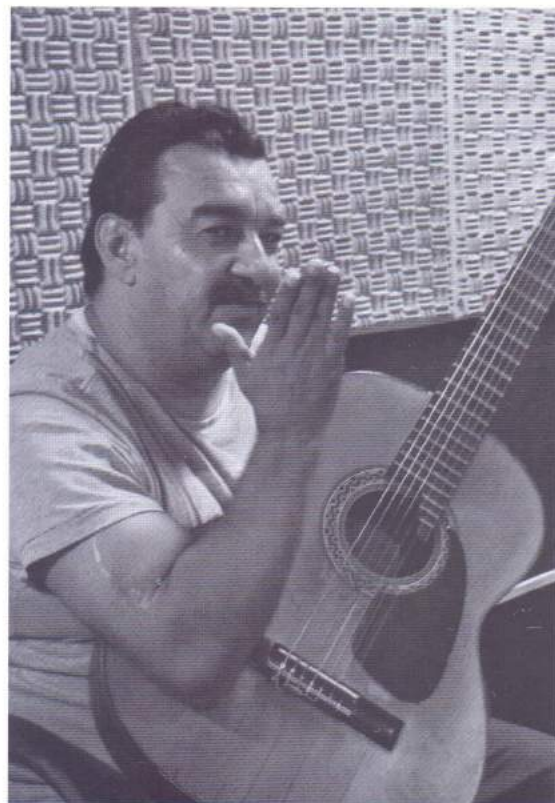
Renata – Eu queria retornar a uma questão que você falou de ficar nervoso quando faz shows. A relação sua com a bebida é desde muito cedo. Você começou a beber para superar esse...

Sardinha – ...Não! Eu comecei a beber porque é bom para caramba! (*risos*)

Renata – Então não teve nenhuma relação?

Sardinha – O mundo todo bebe e adora beber. O problema é o hábito. Você quando pega o hábito é um perigo. O meio em que a gente vive é muito fácil (*beber*). A bebida

Antes de dar início à entrevista, Sardinha disse que sempre carrega um violão para todo lugar aonde vai. Ele disse que o instrumento é uma espécie de membro externo de seu corpo.



está presente em todo canto na vida do artista. Principalmente como eu, que toco em restaurante, em bares também, que *(o músico)* não paga bebida. É uma coisa muito fácil. O cara chega: "Poxa, um uisquinho ali?" Tanto faz tomar três, como dez! *(Dizem:)* "A bebida é um estimulante." Mas como no meu caso, que hoje estou sem beber, a gente sabe hoje que isso é mentiroso. É como qualquer tipo de droga, é "mó" mentira do mundo. Você acha que: "Aí, porra, bicho! Que legal!" O cara com um "baseado": "Massa! Eu vou fazer aquele negócio ali melhor." Que *(melhor)* porra nenhuma! "Mó" mentira do mundo isso aí. A gente quando é adolescente, jovem, infelizmente não percebe essas coisas. A gente vai na onda dos amigos. Começa a beber uma cervejinha, depois está bebendo uísque, cachaça... A convivência com a bebida é que, infelizmente, *(é muito intensa)* nos locais em que a gente trabalha... Agora, não culpo só isso não. Nos locais onde a gente trabalha, tem a coisa da facilidade à bebida, mas também bebe quem quer. Tem muita gente que toca em bares e não bebe.

Renata – Mas, Sardinha, com relação à superação da timidez. Você era uma pessoa muito tímida. Como foi para superar?

Sardinha – Ah, não. Eu nunca fui tímido para tocar. Eu sou uma pessoa tímida – hoje nem tanto. *(risos)* Mas para tocar nunca fui tímido. Como comecei muito cedo, eu sempre fui uma pessoa muito segura no que faço, inclusive é uma virtude que meus amigos da produção dizem. Eu passo, inclusive, essa segurança para eles, para os que tocam comigo. Tenho essa facilidade. Meus amigos me dizem isso: "Rapaz, quando o Sardinha não tá, bicho, é mó merda." Eu não sei como, mas *(isso)* existe mesmo. Mas isso de timidez, não. O negócio da bebida nunca foi *(para evitar timidez no palco)*. Cansei de tocar sem beber. Eu bebia porque gostava de beber mesmo. É estimulante, é muito bom. E Deus me livre de não voltar a beber. Felizmente, hoje em dia, tenho consciência do que é a bebida.

João – Alguma vez a bebida chegou a te ajudar a compor, a criar?

Sardinha – Com toda a certeza. Não adianta você mentir para ninguém. Eu fiz uma música, que é uma das *(minhas)* músicas mais conhecidas... Conhecidas assim, que a música instrumental não é conhecida porra nenhuma. Ela já foi gravada em seis discos, por seis intérpretes diferentes, já ganhou *(o prêmio)* Nelsons.com, como a melhor música instrumental de choro de 2000 e não sei quanto. É uma música chamada "Fim de Tarde" *("Fim de Tarde" recebeu o Prêmio Nelsons.com da Música Cearense 2000 na*

categoria "Música de Choro". A escolha foi realizada por votação no site www.nelsons.com.br, idealizado e mantido pelo jornalista cearense Nelson Augusto. A premiação ocorreu em junho de 2001 no Teatro José de Alencar). É um choro-canção. Inclusive o Dalwton Moura *(jornalista cearense)* colocou uma letra muito bonita. Essa música eu fiz na Praia da Redonda *(praia localizada no município de Icapuí, no litoral leste do Ceará, a cerca de 200 km de Fortaleza)* "cheio do pau", não vou mentir. Estava com os amigos bebendo e fiz a música num pôr-do-sol. E assim fiz outras também. Como eu bebia muito, muitas delas *(músicas)* foram feitas por efeito de bebida.

Cleisyane – A gente já falou da sua formação musical, de ser formado no choro. Mas eu queria saber quais foram as suas influências, tanto em casa, teve seu avô que tocava...

Sardinha – Meu avô tocava, mas nunca nem vi ele tocando. A minha influência do meu avô foi porque na casa dele onde comecei a ouvir choro. Todo domingo, eu ia para casa dele, no Montese *(tradicional bairro residencial de Fortaleza)*. Ia com meu pai para lá, *(quando)* pequeno, eu não tocava nada ainda, tinha uns seis anos. Chegava lá, meu pai ia tomar a cerveja dele com o pai dele e ouvir choro. Naquele negócio, ia entrando Altamiro Carrilho, Jacob do Bandolim *(músico, compositor e bandolinista brasileiro de choro – 1918/1969)*... Eu não sabia nem quem era, nem imaginava que ia tocar um instrumento. Quando comecei a tocar, depois de alguns anos, me lembrei dele e fui buscar os discos lá. De tanto ouvir, acho que foi isso, comecei a me interessar, um negócio meio inconsciente. Porque não é normal uma criança de dez anos de idade gostar de chorinho. Depois, logicamente, eu estudei de tudo.

Terminando sua pergunta, a grande influ-

"Essa daqui é a turma que diz: eu sou o músico profissional mesmo, no sentido de que vive da música, o famoso operário da música".

O nosso entrevistado nasceu no Maranhão, mas se considera cearense, porque viveu lá apenas os primeiros quatro anos de vida, dos quais nem sequer recorda.

A mãe contou que Sardinha dava muito trabalho no colégio. Ela era sempre chamada pela direção porque o filho gostava muito de brigar, inclusive com os professores. Cristina, uma das irmãs, disse que Sardinha já colocou um professor na lata de lixo.

Durante a entrevista, o celular de Sardinha tocou três vezes. Das três chamadas, duas foram da filha Bárbara, acertando com ele detalhes sobre um festival de música onde iriam tocar no final de semana.

ência minha foi o Baden Powell (*violinista brasileiro – 1937/2000*), foi onde mudou minha vida. Não só a minha, mas de, praticamente, todos os violinistas da minha geração. Porque o Baden é de uma geração do final (*da década*) de 50, e a minha geração é do final (*da década*) de 70 para cá. Aqui no Ceará, o que é que a gente tinha? Já que a gente não tinha livro, partitura, nem coisa nenhuma, não tinha internet, tinha disco. Sempre tinha algum amigo, pai do amigo, que tinha disco de chorinho que tinha música do Baden. Quando ouvi o Baden pela primeira vez... Até então, o violinista que eu escutava era o Dilermando Reis (*violinista brasileiro – 1916/1977*), que foi outra influência minha. Eu toco muita coisa do Dilermando Reis. O Baden já foi aquele violinista que abriu minha cabeça porque o Baden conviveu exatamente na época da Bossa Nova (*movimento da música popular brasileira surgido no final da década de 1950 que se tornou um dos gêneros musicais brasileiros mais conhecidos em todo o mundo*). A Bossa Nova foi a grande luz para todo mundo. Existe a música (*brasileira*) antes e depois da Bossa Nova. Foi onde apareceu harmonia sem ser aquela harmonia tradicional. Comecei a ouvir outros acordes, a tocar outras coisas, a seguir a Bossa Nova... Depois do Baden – tudo é um processo crescente – outro violinista que também (*me influenciou*), que cheguei a conhecer, é mais ou menos da minha idade, foi o Rafael Rabello, o grande Rafael Rabello (*violinista brasileiro – 1962/1995*). Para mim, não existiu e nem vai existir um violinista como o Rafael Rabello. Sou louco pelo Rafael Rabello, porque ele tem tudo o que você precisa num instrumentista.

Caio – O que é que você precisa?

Sardinha – Ele tem técnica, muita execu-

ção e o principal de tudo, que é muita pegada, muita garra, muita sensibilidade e o “lance” dele mesmo. Ele tocando é diferente de todo mundo. É só dele aquilo ali. É um negócio impressionante.

Caio – Mas você não acha que você tem isso também não?

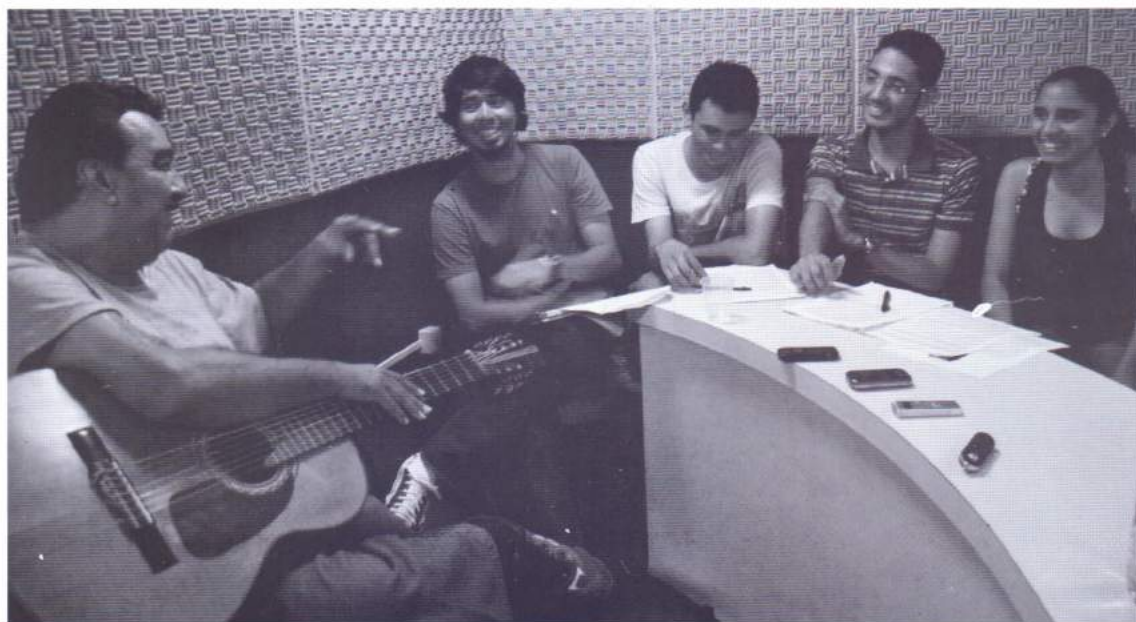
Sardinha – Já me disseram que eu tenho algumas coisas dele, sim. Mas não dá para chegar lá ainda não... (*Risos*)

Caio – Você falou da sua facilidade de aprender. Você é um músico autodidata, você aprendeu música sozinho. Para ser autodidata, em qualquer coisa que seja, você tem de ter talento, vontade de aprender e paciência. Talento e vontade de aprender você tinha quando era jovem. Mas em algum momento faltou paciência para você?

Sardinha – Não, não. Nunca fui, nem sou, uma pessoa muito impaciente, dá para ver. Sou uma pessoa muito calma, mas, ao mesmo tempo, sou (impaciente), porque eu sou uma pessoa que fala rápido, sou apressado e tudo. Quando vou dar aula, sou outra pessoa, completamente diferente. Sou calmo, falo lento, passo bem as coisas. Talvez, se eu fosse mais paciente, mais calmo, eu tivesse aprendido até mais. O grande erro – quer dizer, erro assim, porque as pessoas são como são, não adianta você ser como você não é. Eu nunca fui um músico estudioso. Eu sinto a maior pena disso, mas ninguém pode mudar isso. Hoje leio partitura, tenho conhecimento harmônico até mais ou menos, conheço muita coisa mesmo. Isso tudo que eu sei, eu praticamente nunca estudei. O cara pega o livro: “Vou estudar tantos dias por semana, vou estudar hoje, vou estudar amanhã...” Não. Livro para mim é só “pá, pá” (*folheando as páginas*), pronto, morreu.

Cleisyane – Sardinha, mas você foi buscar

Em vários momentos da entrevista, Sardinha dedilhava o violão enquanto respondia às perguntas. Por vezes, o entrevistado parecia nervoso e tocava o violão como uma espécie de refúgio.



“O mundo todo bebe e adora beber. (...) O meio em que a gente vive é muito fácil (beber). A bebida está presente em todo canto na vida do artista”.

essa teoria. Qual a importância dessa teoria para o músico?

Sardinha – É como você se alfabetizar. Eu não era alfabetizado musicalmente. Quem não lê partitura não é alfabetizado musicalmente. O maestro Eleazar de Carvalho (*foi um importante regente da música erudita no Brasil. Nasceu no município cearense de Iguatu.*) foi quem me disse pela primeira vez que eu tenho ouvido absoluto (*no caso de Sardinha, ouvido absoluto refere-se à sua capacidade de identificar as notas musicais ao ouvir qualquer som*). Eu nem sabia o que era ouvido absoluto. Foi em João Pessoa, ele era maestro da orquestra (*Orquestra Sinfônica da Paraíba, fundada em 1945*). Eu morava na casa do meu irmão (*o futuro maestro Gladson Carvalho*), ele era músico da orquestra, tocava viola e era copista e arquivista. A orquestra da Paraíba era a terceira maior do País...

Mas a pergunta dela, eu me lembrei agora, da importância do estudo, da teoria. Você imagine – na minha época, principalmente, que hoje é muito bom. Você pega a internet e apertou o botão e tem áudio e tem tudo escrito. E meus alunos ainda é uma preguiça. Por isso que eu dou carão para caramba nos meus alunos. (*risos*) Hoje em dia, você compra o livro pela internet. “Eu quero o livro do Pixinguinha (*Alfredo da Rocha Viana Filho, conhecido como Pixinguinha, foi um flautista, saxofonista, compositor e arranjador brasileiro – 1897/1973*), quero tocar a música do Pixinguinha”. Olha como é que vem hoje: vem o álbum do Pixinguinha, com a melodia, com a harmonia e ainda vem o CD, papai! E no CD, o detalhe, para um lado você tira a flauta, para o outro... É bom demais! Na minha época, não tinha nada, só tinha o disco e era na agulhazinha, era voltando a agulha para tirar as notas. É por isso que hoje (*os alunos são preguiçosos*) – acho que é por isso, só pode ser. Vou contar um segredo... Segredo não, porque muita gente sabe dis-

so. Eu escrevo uma música sem pegar num instrumento. Acredita nisso? Você toca violão e diz: “Eu queria acompanhar essa música, mas não sei essa harmonia”. (*Eu digo:*) “Tu bota a música.” A gente pode fazer até agora se você quiser (*risos*), mas precisa ter alguém que toque aí para fazer a prova. Eu escrevo ela (*a música*) sem pegar no instrumento, já no tom que está lá e tudo. Quem é músico aqui sabe disso. Faço isso com facilidade. Eu acho que isso se deve à minha forma de aprender, que foi assim, foi voltando na agulha, ralando mesmo. Chegava do colégio, eu tirava nem a farda. Mamãe brigando, e eu nada. Era música tocando e eu tirando nota por nota. É uma vantagem muito boa desse aprendizado. É mais demorado, mas a vantagem é que você aprende bem certinho mesmo, você pega todas as nuances, a respiração do cara e tudo. Agora hoje é muito bom. (*Procura na*) internet e ó: as melodias todas escritas – para quem lê, né? A importância do que você falou é da alfabetização mesmo, porque na época em que fui aprender isso (*a me “alfabetizar musicalmente”*), foi para ver se diminuía meu sofrimento na agulhinha. Fui aprender um pouquinho de teoria para poder pegar a partitura e aprender mais rápido. A teoria existe para isso. É alfabetização.

Caio – Em relação ao sucesso que você falou. Você é conhecido por ser um músico imprescindível em shows de Chico Pessoa (*cantor e compositor paraibano, radicado desde 1982 em Fortaleza, onde desenvolveu a carreira artística*) e Fausto Nilo (*cantor, compositor, arquiteto e poeta cearense, nascido em 1944*). Além disso, você já tocou ao lado de Sílvio Caldas (*cantor e compositor brasileiro, dito como o maior responsável pela consolidação da seresta na música popular brasileira – 1908/1988*), Eliane (*Eliane Lima, cantora e compositora cearense, conhecida como “a rainha do forró”*), Beto Barbosa (*Raimundo Roberto Morhy Barbosa, cantor e compositor paraense, famoso após o “estouro” da lambada no fim da década de 1980*) e Falcão (*Marcondes Falcão Maia, cantor e compositor cearense e ícone do estilo “brega”*). Todos esses artistas têm em comum o fato de serem relativamente visíveis na mídia, e você já mantém uma imagem mais reservada. Por que você acha que isso acontece?

Sardinha – Porque eu prefiro assim, eu gosto assim.

Renata – Então, você foge dessa...

Sardinha – ...Não, não fujo. Vou dizer uma coisa para vocês que às vezes muita gente me pergunta. Deixa eu ver aqui como é que posso explicar. (*fica pensativo*). Por exem-

Certa vez, gravando em estúdio, Sardinha dormiu e continuou tocando. Depois, quando foi escutar o disco, a gravadora percebeu um ruído estranho, era o ronco de Sardinha. Quanto a isso, a mãe diz: “Eu acho que isso é coisa de louco, coisa de alma”.

Dona Simone se considera uma mãe besta por ter colecionado em uma pasta fotografias e reportagens sobre Sardinha, que saíam no jornal. Ela entregou a pasta para Bárbara, pois tem medo de acabar perdendo.

Sardinha sempre teve vontade de ter um bar em casa para reunir os amigos. Um dia, comprou vários engradados de cerveja e montou um bar no quintal de casa, o local era chamado de "O Quintal do Sardinha".

plo, a relação entre um time de futebol e uma banda. Geralmente, técnico é aquele jogador que sempre prepara o terreno para todo mundo. Sou mais ou menos isso. Sou o cara que dá a bola para o outro fazer gol. E gosto de ser assim, porque eu acho (*essa posição*) uma das peças mais importantes que tem em um grupo. Ela é pouco vista, mas se tirá-la, não acontece nada.

Caio – Mas você tem essa vontade de ser a estrela do time, o mais visto?

Sardinha – Não, tenho não. Eu até sou às vezes quando estou tocando no meu show, mas quando é o show dos outros, não. Deixo que eles brilhem. Porém, de alguma forma, estou brilhando também no meu lugar. Quem perceber, percebe; quem não perceber... Azar de quem não perceber, não é? (*risos de todos*)

Cleisyane – Sardinha, de onde veio o apelido Sardinha?

Sardinha – No primeiro grupo (*Pixinguinha*) que eu toquei de choro tinha um flautista, sargento da Base Aérea de Fortaleza, que veio transferido de São Paulo para Fortaleza. O meu irmão (*Gladson Carvalho*) ia servir na Base Aérea. Quando ele chegou lá, conheceu esse sargento, que tocava flauta e tinha um grupo de chorinho em São Paulo. O sargento disse para o meu irmão que estava montando um grupo de chorinho aqui, mas que o cavaquinista do grupo estava doente. Meu irmão disse que eu tocava cavaquinho. Ele disse para o sargento: "Ele é novinho, mas toca muito bem". O cara mandou eu ir lá, mas sem acreditar que eu ia estar apto a tocar no grupo dele, porque todos já eram profissionais. Resumindo a história, eu fui na casa dele para fazer esse exame de admissão. Ele fez um almoço na casa dele, e fui com meu pai, eu já bebia naquela época, tinha 16 anos. Encerrando a história, o cara me adorou, e fiquei no grupo dele nesse mesmo dia. Eu era bem magrinho, bem magrinho mesmo. Bom, existe um músico, chamado Garoto, que é autor de "Gente Humilde" (*canção conhecida na voz de Chico Buarque*). Vocês conhecem Gente Humilde? (*Sardinha toca no violão um trecho de Gente Humilde, de Garoto*) Ele era um excelente músico e era um garoto, tocava vários instrumentos. O sargento, então, fez uma alusão (*ao músico, Garoto*), porque me achou parecido com ele, e eu era magrinho com o bigodinho fininho e também já tocava vários instrumentos. Ele disse: "Isso é uma Sardinha". Por isso, ele colocou meu apelido com o sobrenome do Garoto, que já era famoso na época. O nome do Garoto era Aníbal Augusto Sardinha. A partir daí ficou Sardinha.

Tháís – Você falou que já tocou com Do-

minguinhos (*José Domingos de Moraes, cantor, compositor e exímio sanfoneiro pernambucano. É um dos maiores nomes do baião*), Beto Barbosa, Sebastião Tapajós (*violonista e compositor paraense, de formação clássica*). Dá para notar que você não tem preconceito com os ritmos, mas você sofre preconceito por causa do seu estilo musical?

Sardinha – Não, não. Já houve muito mais preconceito com o músico e com a música, mas ainda hoje existe, por esse lance da bebida. Antigamente, o cara não podia ser músico. Se fosse, era considerado cachaceiro, porque realmente era isso mesmo. Era uma questão cultural. Antigamente, na época da Chiquinha Gonzaga... (*primeira mulher no Brasil a tocar chorinho e a reger uma orquestra. Chiquinha Gonzaga viveu no Rio de Janeiro de 1847 a 1935*) Uma mulher tocar? Nem pensar! Mas as coisas mudam. Já mudou muito o preconceito com a música e com o músico. Até porque hoje é uma profissão. Eu vivo e mantenho a minha família só com isso aqui (*aponta para o violão*) e não é de hoje não, é há mais de 20 anos.

Caio – A Tháís falou com relação ao preconceito com os estilos que você toca e com o seu estilo, o choro. Mas em relação a você não ter formação superior em música, você já sofreu algum tipo de privação?

Sardinha – Não. Eu não sei nem se é preconceito. É porque é uma questão de normas, de lei mesmo. Por exemplo, na Uece, os próprios professores gostariam que eu fosse colega deles. Dizem que precisam da minha experiência para passar muita coisa para os alunos. Tem aluno da Uece que me paga para estudar comigo, mesmo tendo a Uece. Eles acham que encontram em mim alguém para passar alguma coisa que eles precisam.

Renata – O que seria isso que você tem e os alunos buscam?

Sardinha – Esse lado da música popular brasileira, porque lá não tem. A maioria dos conservatórios e das universidades sempre trabalha mais aquela coisa erudita, no sentido da palavra. A parte popular está entrando agora de leve nas universidades. Na década de 90, isso nem existia. O Márcio Resende (*flautista e saxofonista carioca, radicado no Ceará desde 1998*), um amigo meu que toca sax, flauta e é professor da Uece, estudou 12 anos nos Estados Unidos, fez mestrado e uma parte do PhD lá. Ele é professor da Uece e foi uma vitória para a universidade. Ele é um músico muito bom, que tem formação jazzística, toca música erudita, toca jazz e música popular. Esse é o tipo de professor que é legal ter na universidade. Só tem ele com esse perfil (*na Uece*), os outros

Lá pelo meio da entrevista, algumas perguntas começaram a ser feitas de forma muito fragmentada. O professor Ronaldo Salgado logo passou um recado para os alunos com a seguinte frase: "Tá começando a farofar!" João foi o último a ler o bilhete e o guardou de recordação.

são todos de formação erudita. Os alunos de música que querem estudar música popular vão estudar com quem? *(Por isso)* eles têm de pagar o Sardinha ou outro músico para estudar música popular, infelizmente. Se eu tivesse formação, eu ensinaria mesmo, com o maior prazer.

Thaís – Sardinha, como você percebe a questão do incentivo do governo ao músico?

Sardinha – Não tem, não existe nenhum. O que ainda existe são órgãos como o Banco do Nordeste *(o Banco do Nordeste do Brasil criou, em 2005, o “Programa BNB de Cultura”, que destina recursos para o financiamento de ações culturais na área de abrangência da instituição)*, que a gente ainda faz um “showzinho”, mas eu acho que ainda não representa nada. É mais para promover eles mesmos do que o próprio artista. Eles dão um cachê miserável para o músico, mas você vai *(se apresentar)* porque quer mostrar seu trabalho. Incentivo mesmo do governo, não tem muita coisa. *(Mas)* está bem melhor, tem uns projetos de incentivo à cultura, mas têm muitas pessoas concorrendo para poucas vagas, para ser contemplado e fazer um disco, por exemplo. Eu não vou nem atrás disso.

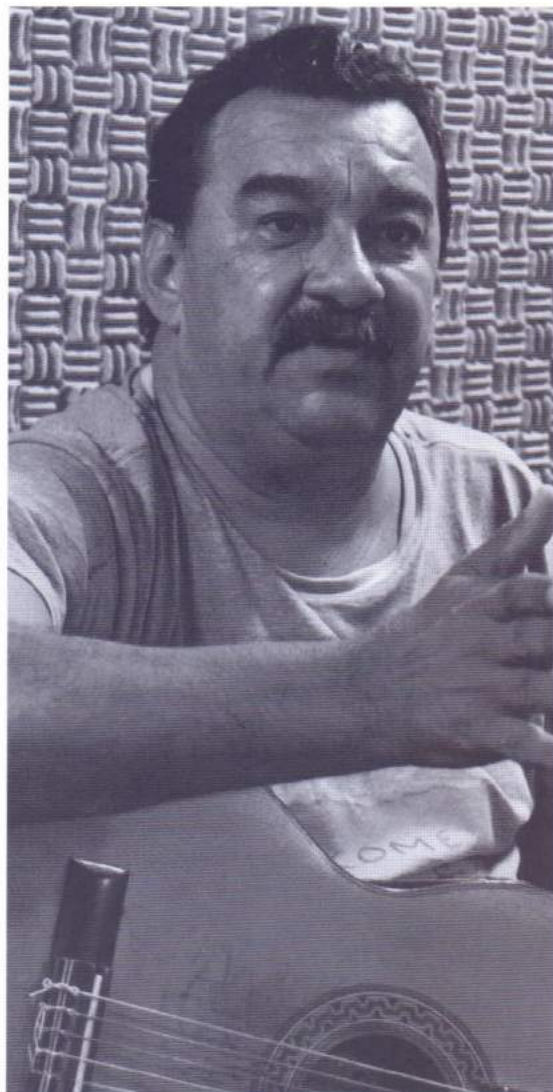
João – Você sempre sobreviveu e sustentou a família, como você já falou, através da música, mas teve algum período da sua vida de dificuldade que você desejou ter feito outra coisa?

Sardinha – Dificuldade sempre teve e ainda há. A nossa vida é uma eterna luta. A gente vive correndo atrás das coisas, mas nunca pensei nisso não. Eu particularmente não tenho nada. Esse negócio de ter dinheiro guardado não é muito de mim. Ao mesmo tempo, eu brinco com os meus amigos que eu tenho umas dez casas de praia e umas dez casas na serra. Se eu tenho muitos amigos, *(risos)* para que vou comprar uma casa para mim? Eu digo para os meus amigos: “Rapaz, me empresta tua casa aí.” Eu vou mesmo. Fora a brincadeira, nunca pensei nisso. Mas *(se)* eu tivesse feito outra coisa, não é que eu ganhe muito não, mas acho que não ganharia o que ganho hoje e não teria a realização que eu tenho com o que faço. *(pausa)* Eu tenho certeza disso. Por eu já ter 30 anos *(de música)*, não falta trabalho, porque já estou no mercado. O problema da profissão é a instabilidade mesmo. Mas não reclamo da minha vida, porque a gente toca, tem trabalho todo dia, de todo canto está vindo dinheiro: do estudo, é tocando com outros, é dando aula. A verdade a gente fala, mas não é da boca para fora, o importante é você fazer o que você gosta mesmo, porque o que vier é

lucro. Fazer o que você gosta é bom demais. Outra coisa, eu ainda tenho um privilégio: não tenho patrão. *(risos de todos)* Eu tenho meu estúdio, posso chegar às 10 horas, não tem problema.

Caio – No meio musical, além dessa falta de estabilidade, muitas vezes tem o problema da disputa de ego entre os artistas. Alguma vez isso aconteceu com você?

Sardinha – Eu só disputo mesmo no bo-



“Chegava do colégio, eu tirava nem a farda. Mamãe brigando, e eu nada. Era música tocando e eu tirando nota por nota. (...) Você aprende bem certinho”

Sardinha coloca seu bom humor em tudo o que faz. Algumas de suas composições têm nomes bem engraçados, como os das músicas “Sardinha ao Leite” e “Jumento com coalhada”.

Essas e outras composições de Sardinha podem ser ouvidas na página da Internet do músico em: <http://www.myspace.com/tarcisiosardinha>.

O jornalista e amigo de Sardinha Nelson Augusto contou que uma vez Fagner perguntou se Sardinha conhecia alguém para acompanhar uma portuguesa que só canta fado. Sardinha disse: "Depois da música brasileira, isso é minha praia".

tão (*futebol de botão*). (*risos*) Eu não disputei com ninguém em nada. Agora eu tenho muitos amigos que ainda hoje vivem disputando. Mas isso é da pessoa. Ela tanto podia estar na música como em qualquer outra coisa que ia ser assim. Por que tem uns que fazem e outros não? Não é por causa da profissão. Eu tenho amigo que dou trabalho para ele, e ele está do outro lado falando mal de mim. Desse jeito é doença. Você pode perceber que esses não fazem porra nenhuma da vida. Ora, se eu vou estar disputando com ninguém, meu amigo! Tem músico que quando vê alguém tocando tão bem quanto ele, evita, se afasta. E às vezes sai até falando mal da pessoa. Ora, eu sou o contrário. Se eu sei que alguém toca bem, eu vou é atrás dela para eu aprender, lógico. Todo mundo aprende com todo mundo. Eu sou uma pessoa muito querida no meio musical, porque eu sou uma pessoa que toca com todo mundo. Eu acho que sou um dos únicos músicos aqui, que me dou com os outros músicos todos. Onde foi que você viu alguém que toca falar mal de mim? Até tem, porque todo mundo fala mal de todo mundo. Mas eu me dou bem com todo mundo, com todo estilo de música.

Cleisyane – Você enfrentou algumas dificuldades na sua carreira de músico, como na época em que você quebrou o braço jogando bola, teve de se submeter a uma cirurgia e teve um choque anafilático. A sua irmã Cristina (*Cristina de Lima Carvalho, irmã mais velha de Sardinha*) falou que você ainda teve de ouvir do médico a possibilidade de não poder mais tocar. Isso o incentivou a se recuperar mais rápido?

Sardinha – Isso foi na primeira vez em que quebrei o braço, porque eu quebrei duas vezes o braço no mesmo local com 20 anos de diferença. (*Nessa época*), eu tinha 15 anos.

"O sargento colocou meu apelido com o sobrenome do Garoto, que já era famoso. O nome do Garoto era Aníbal Augusto Sardinha. A partir daí ficou Sardinha".

A verdade é que Sardinha estava querendo ganhar um dinheiro extra. E embora o fado não fosse a praia dele, como havia dito, ele tirou de letra por conta de seu ouvido absoluto.

Na verdade, foi uma maldade de um amigo meu. Eu era muito magrinho, ligeirinho e corria muito. Eu ia fazer o gol para terminar a partida. Meu amigo veio e me deu uma carga. Voei para cima da parede. Isso foi em janeiro de 1980. (*Meses depois*) eu tinha o festival da Creditus (antiga operadora financeira, patrocinadora do festival que levava seu nome), no teatro do SESC (*Serviço Social do Comércio, fundado em 1946*), para tocar. Toquei uma viola de 12 cordas, e me lembro como se fosse hoje. Eu tocava com ela em pé assim (*Sardinha mostra o jeito que ele tinha de tocar: sentado e com a viola em pé no colo*). Ainda hoje, esse braço aqui (*Sardinha mostra o braço direito*) não estica porque não fiz fisioterapia, detesto tudo o que é negócio de formalidade, eu detesto. Esse aqui ainda continua normal (*ele mostra o braço esquerdo*). Passei uns três meses com a típóia, quando fui tirá-la, o braço não saiu mais do canto e ficou assim (*mostra como o antebraço ficou junto do braço, impedindo que ele deixasse o braço reto*). O médico disse que eu ia ter de fazer fisioterapia, mas sou muito "organizado" para fazer fisioterapia (*Sardinha brinca*). Meu avô disse: "Não, rapaz, deixa comigo". E arranjou sebo de carneiro. (*Meu avô*) esquentava sebo de carneiro e todo dia quando eu ia para a casa dele, ele passava (*no meu braço*). Foi assim a minha fisioterapia. Com pouco tempo, o meu braço, aos poucos, foi baixando, baixando, baixando. Daí passaram-se vários meses, e o braço baixou. Quando eu fui tocar no festival, o braço ainda não tinha baixado todo, então não dava para tocar com o violão aqui (*mostra o violão deitado no colo e o braço por cima dele*).

Caio – Mas essa foi a primeira queda. 20 anos depois você caiu de novo, de cima de um palco...

Sardinha – ...O Rodger Rogério (*cantor e compositor cearense da geração do "Pessoal do Ceará", nos anos 1970*), meu amigo, inventou de "botar" um barzinho para ele na Aldeota (*bairro nobre de Fortaleza*). O Fausto Nilo ligou para mim e disse: "Rapaz, vamos lá para o barzinho do Rodger tomar uns negócios lá?". Eu fui, peguei o Aroldo (*Aroldo Araújo, músico, arranjador e amigo de Sardinha*) na casa dele. No bar do Rodger tinha um palco de madeira de uns dois metros, mais ou menos. Atrás do palco tinha muita planta. Eu pensei que era uma parede (*risos*). Eu sentei, afastei a cadeira e caí. "Bolei" com toda a linha e tudo, como se diz. Isso já depois de 20 anos. Esse braço aqui (*aponta para o braço direito*) já tinha uma platina. E foi outro sofrimento.

Caio – Você teve de parar de tocar por algum tempo (*três meses*). Como foi nessa

época?

Sardinha – Foi muito interessante. Na época eu tive de passar três meses sem tocar mesmo. O médico disse que o ideal era eu operar de novo. Se eu não operasse, iria demorar mais (*para eu me recuperar*), pois só o gesso e a atadura não podiam resolver. Eu já estava com uns trabalhos, já estava produzindo um disco de um compositor da Paraíba. (*Além disso*), tem uns amigos, que são amigos mesmos e me ajudaram muito, como o Adelson Viana (*acordeonista, tecladista, compositor, arranjador e produtor musical de Fortaleza*), meu amigo e parceiro, (*ele*) é maestro do Fagner. Ele me passou alguns trabalhos que tinha dele para eu fazer. A sorte é que sou canhoto. Fiquei em casa trabalhando, fazendo arranjo e produzindo discos em estúdios. Nesse disco que produzi na Paraíba, teve um dia que fiquei puto, porque eu nunca vi isso na minha vida, eu produzir um disco e não tocar? É inédito um instrumentista não tocar no disco que está produzindo. Fiz o arranjo todo do disco, produzi todo e não tocar? O cliente estava puto com esse negócio. Ele dizia: “Poxa, tu não vai tocar no meu disco?” Mas, no final, ainda toquei uma música. Quando o disco estava todo mixado, ele fez uma música que considerava linda e não queria deixar de fora. Aí eu toquei, pois já estava melhor. Eu tenho esse disco lá em casa, o nome do compositor é Marcos Santos.

Caio – Sardinha, mas não deu medo? Vontade de repensar o modo de vida que você estava tendo? Eu digo em relação à música mesmo. Você se acidentou, parou de tocar e ainda trabalhava...

Sardinha – ...Às vezes, tudo que vem na vida da gente é lição. Isso foi uma lição tão grande. Eu descobri outras coisas que eu poderia fazer e eu não fazia.

Cleisyane – O que, por exemplo?

Sardinha – Por exemplo, eu passei um tempão tocando teclado só com uma mão. Sempre gostei de “tomar uma”, então minha casa sempre foi uma casa de festa. Minha casa era de quintal grande, então sempre recebi muita gente, músicos e tal. (*Na época*), eu só tocava piano, teclado... Violão e outros instrumentos de corda não tinha como tocar. Para fazer os meus arranjos, eu podia fazer sem instrumento, lógico, mas com instrumento é bom, porque você tira uma dúvida, não é? Foi aí que eu me lembrei: “Poxa, bicho, vou arranjar um tecladinho para mim”. Arranjei um tecladinho pequenininho para mim. No primeiro mês (*com o braço quebrado*), era dor para “caramba”, era só choro, porque estava quebrado e eu não queria operar. Era uma tala com gesso que o médico tinha

botado em mim, que ia aos poucos voltando o osso para o lugar. Então, esse negócio (*do bar*) foi muito bom para mim. A turma começou a ir lá para casa aos sábados. Peguei uma prática tão grande de tocar teclado com uma mão, que era impressionante. Eu, que não sou pianista mesmo, tocava tudo só com uma mão, eu me divertia. Além disso, melhorou o meu lado de arranjador também. Eu digo que “há malas que vão para Belém”. (*risos*) Porque desenvolvi outras coisas que eu não tinha até então. Porque eu fui obrigado, lógico. Mas graças a Deus eu trabalhei até bem. Produzi até mais disco do que (*antes*), porque alguns amigos passaram trabalho para mim e também eu estava mais em casa, mais quieto e escrevendo arranjos.

Cleisyane – Sardinha, estamos entrando agora no segundo momento da pauta. Eu queria saber como foi o relacionamento com a sua família, o apoio que eles deram tanto na carreira de músico, quanto nos momentos difíceis.

Sardinha – Meu pai é separado da minha mãe, mas ele é louco por música, toca um pouquinho de violão também. Naquela época, década de 1980, acho que nenhum pai iria gostar se um filho assumisse uma profissão de músico. Todo pai quer o melhor para o seu filho. Hoje as pessoas têm a cabeça mais aberta. Em primeiro lugar, eu não vou saber o que é o melhor para o meu filho, quem sabe é ele. A gente orienta, mas “não, eu quero fazer é isso”, dizem os filhos. Eu acho que (*o meu pai*), no fundo mesmo, não (*era*) o que ele queria não. Assim mesmo foi comigo e com meu irmão também. Não é que eles foram contra, mas nunca (*a favor*). O meu irmão mais velho sofreu mais do que eu, porque já foi mais para trás, na década de 1970. Naquela época, o meu irmão foi para o SESI (*Serviço Social da Indústria, fundado em 1946*), onde tinha o local para estudar (*música*) aqui em Fortaleza. Eu me lembro quando meu irmão disse: “Vou estudar (*para ser músico*).” O sonho do meu

“Eu vivo e mantenho a minha família só com isso aqui (*aponta para o violão*) e não é de hoje não, é há mais de vinte anos”.

Há algumas piadas sobre o ouvido absoluto de Sardinha. Uma delas diz que, certa vez, ele estava no interior com o amigo Zé do Norte e chovia muito por lá. Sardinha percebeu que o som da goteira era um ré menor.

Zé do Norte não acreditou e pediu para Sardinha explicar. Ao que respondeu: “Esse pim, pim (*imitando o som*) é um ré menor e pode ver que essa bacia está amassada porque o ré menor está desafinado”.

Sardinha participa do programa *Brasileirinho da Rádio Universitária FM 107,9* apresentado por Nelson Augusto. O programa é de choro e vai ao ar aos domingos, às 10 horas da manhã. Além de tocar, ele faz comentários sobre o time do coração: o Ceará.



irmão era estudar para entrar na orquestra da Paraíba, em João Pessoa, porque aqui não tinha orquestra, como não tem ainda. Hoje ele é maestro da orquestra filarmônica, uma orquestra mantida por ele. No Estado não existe até hoje porra nenhuma. O que existe é uma camerata com 15 músicos, que chamam de orquestra, a Eleazar de Carvalho (*A Orquestra de Câmara Eleazar de Carvalho foi fundada em 22 de dezembro de 1996 e é formada por dezessete músicos*). Para ser uma orquestra tem de ter 120 músicos. Ainda hoje nós temos esse problema aqui no Ceará. Em João Pessoa, tem três ou quatro orquestras e aqui não tem porra nenhuma! É uma vergonha para uma capital como Fortaleza, a quarta capital do País, não ter uma orquestra sinfônica!

Renata – Mas essa posição do teu pai com a profissão de músico te distanciou dele?

Sardinha – Não, não. Comigo não teve muito isso, foi mais com meu irmão. Quando comecei a me profissionalizar, foi mais na década de 1980. Já era mais flexível a coisa. Eu saía para os cantos, e (*meu pai*) nem sabia às vezes. Eu ia tocar profissionalmente, e ele bebia, e eu roubava o carro dele para ir trabalhar. (*risos*) Naquela época, na noite, era difícil, porque eu não tinha carro e era “de menor”. Eu só tinha uma bicicletinha. Rapaz, eu só andava de bicicleta, de calçãozinho curto e de noite eu me arrumava para ir trabalhar. Passava o dia brincando de bila, bola e pião, porque na minha época era isso, não era

computador, não. Era triângulo, pião e arraia o dia todo, eu era moleque mesmo. Agora, eu posso dizer uma coisa, eu tive infância. Moleque, que subia nos muros, na copa das árvores do outros, roubando manga, moleque mesmo!

Renata – Mesmo você começando a tocar cedo?

Sardinha – Mesmo assim. Nunca deixei na minha vida... Ainda hoje eu sou um “fuletagem”, não está vendo não? (*muitos risos*) Um moleque fuletagem, rapaz! Continuo do mesmo jeito ainda, não perdi nada, não. Era de dia brincando com os meus amiguinhos, brincando de figurinha de álbum de Copa do Mundo e à noite eu botava minha calça, pegava meu cavaquinho e ia tocar. (*pausa*) Eu sempre fui um menino e um homem ao mesmo tempo. O meu pai se separou da minha mãe, e quem sustentava a casa era eu. Meu irmão foi embora para João Pessoa, minha irmã mais velha (*Cristina, tradutora formada em Letras/Inglês*) ganhava pouco pela Prefeitura (*de Fortaleza*). Eu quando comecei com esse grupo de choro, com 16 anos de idade, eu ganhava quatro vezes o que a minha irmã ganhava na Prefeitura. O que ela ganhava em um mês todo, eu ganhava em um fim de semana. Era por isso que eu ajudava em casa.

Caio – Você tem 21 anos de casado com a Diana Sena. Ela contou para gente que conheceu você num show, no antigo Oasis, e gostou de você da primeira vez que o viu. Só que parece que não foi o mesmo, você não pensou a mesma coisa dela...

Sardinha – ...Eu era tímido mesmo. Esse aí é o lado da timidez. Eu tinha uma banda, aquela banda de baile. A gente tocava onde hoje é o Oasis (*clube de shows em Fortaleza, localizado na Av. Santos Dumont. Na época, chamava-se “Clube 66”*). Ela era amiga da namorada do cantor. E uma vez ela foi para lá com o cantor e a namorada do cantor. A gente se conheceu lá. Começou o negócio de paquera e tal. Olha a coincidência! Depois, sabe quando foi que eu comecei a namorá-la? No show do Dominginhos. A minha banda foi fazer o baile que o Dominginhos ia fazer o show principal.

Caio – Sardinha, mas a Diana falou para gente que ela custou até...

Sardinha – ...É. Ela teve de quebrar uma perna para eu poder... (*ficar com ela*) (*risos de todos*). Nesse show do Dominginhos, ela chegou com a perna quebrada. Eu tive pena dela. (*risos de todos*). Eu caí na armadilha dela.

Paulo – O namoro foi bastante curto, né...

Sardinha – ...Ah, rapaz. Depois que a gente começou a namorar... Seis meses... namoro, noivado e casamento.

Amigos e familiares ressaltaram o prazer de Sardinha com banho de mar, frio e cachaça. Diana diz que o marido “é um peixinho”, por gostar tanto de praia e de banho.

Caio – Por que foi tão rápido?

Sardinha - Não sei... As coisas são assim mesmo. Quando o negócio tem de ser... Tinha de ser.

Natália – Mas houve resistência da sua família?

Sardinha – *Nãaaaaooooo*. Não, não, não. Tudo normal. Direitinho mesmo. Casamos direitinho. No civil, na igreja, tudo legal.

Natália – Vocês tiveram alguma dificuldade, já que foi tudo muito rápido...?

Sardinha – ...Não, porque a gente resolveu mesmo. É porque a gente se gosta e tudo, queria viver a vida da gente mesmo. (*Sardinha percebe que Cleisyane queria fazer uma pergunta*).

Sardinha – O que é (*pergunta para Cleisyane*)?

Cleisyane – Não, não, pode continuar.

Sardinha – Tu ia perguntar o negócio da casa, era? (*Como Cleisyane fez parte da produção da entrevista, tomou conhecimento da história sobre o casamento*)

Cleisyane – É.

Sardinha – Pois é (*ri*). É o seguinte. (*A gente*) num tinha porra nenhuma. Casar, casar... Rapaz, quando o cabra é doido, é doido mesmo. O pai dela (*da Diana*) resolveu dar o quarto. Beleza! Naquela época, eu ganhava muito mesmo. Talvez mais do que hoje, por incrível que pareça. A gente tocava muito. Naquela época, o músico passava o ano todinho esperando pelo carnaval, porque se ganhava muito bem. Hoje também, mas não é tanto como naquela época. Ganhava muito mesmo. Eu tinha uma tia que morava na Cidade dos Funcionários (*bairro da zona sul de Fortaleza*), e ela tinha uma vizinha que morava em São Paulo, que estava há pouco tempo no Ceará, mas aconteceu algum problema na vida dela, que ela teve de ir embora de novo para São Paulo. Ela estava vendendo a casa e toda a mobília de uma vez e não tinha como levar, então teve de vender tudo barato para caramba. E eu doido já para comprar. Eu já estava com um carnaval fechado. Com o dinheiro, dava para comprar tudo: máquina de lavar, geladeira... Tudo do bom e do melhor. As coisas estavam tão baratas que, se dessem hoje dez mil reais, ela estava vendendo tudo por um quarto disso, por exemplo. Era coisa que eu não podia perder. Qualquer pessoa pegava. Só que minha tia era muito amiga da vizinha, e ela (*a tia*) pediu (*para vender*) para mim. A mulher foi embora, eu dei três cheques a ela, pré-datados, e fiquei com as coisas. Foi tudo ligeiro demais. Já casei com tudo dentro de casa. Recém-casado e já ter tudo... Foi só com o carnaval que eu mobiliei a casa todinha.

Caio – A sua filha, Bárbara Sena, contou

para gente que a relação dela com você mudou depois que ela começou a estudar música. Ela disse que vocês ficaram mais próximos e começaram a se entender mais. Você também acha isso?

Sardinha – ...Com certeza. Eu acho que é mais da parte dela, porque a música acalma muito as pessoas (*diz rindo*). (*risos de todos*). A Bárbara é muito esquentada. É como eu. Ela tem muito de mim. É tudo igual. É uma “xerox”. Igualzinha, até esse negócio de aprender a tocar foi igual a mim... Mas é que aproxima (*a música*) mesmo.. E é muito bom. A gente passa o dia todinho em casa e tocando música. “Pai, esse acorde aqui, como é que é? Pai, não sei o que”... é o dia todo. Já o outro (*refere-se ao filho mais novo, João Henrique*) não quer nada com música.

Cleisyane – ...E você apostava nele, né?

Sardinha – Eu pensava que ele ia tocar. O João tem muito ouvido, tem uma sensibilidade danada para música. Agora, ele é como eu era. Eu não gostava de estudar. Eu fui aquele aluno (*pausa*) relapso. Não gosto muito de método. Não sou nada metódico. Meu irmão é metódico para caramba. Eu sou o contrário. Negócio meu é tudo na prática. Mas aí o João toca o que quiser. De pequeninho, você vê a tendência. Ritmo e tudo. “Esse menino vai tocar”. Mas que nada. A Bárbara, bicho, *desafinaaaaaada* para caramba. Ela fica puta quando eu digo isso para ela. “Pai, não diga isso por aí não”. A Bárbara não afinava. “Bárbara, dá o tom”. Não afinava. Rapaz, nunca pensei que ela fosse tocar não, sinceramente. E, hoje, ela me malha por aí. “Ah, você não acreditava em mim”.

Tatiane – Quando a gente entrevistou a Bárbara, ela falou que, apesar do interesse por música, você sempre a estimulou a fazer outra coisa além disso. Por que esse estímulo, já que você sempre sobreviveu de música?

“Naquela época, década de 1980, acho que nenhum pai iria gostar se um filho assumisse uma profissão de músico. Todo pai quer o melhor para o seu filho.”

Da nova geração da família, saíram dois músicos: Bárbara, filha de Sardinha, é integrante do grupo de choro Fulô de Araçá, e Saulo de Lima, sobrinho, é advogado, mas vive de música.

Na infância, dona Simone diz que Sardinha e o irmão Gladson eram bem diferentes. Gladson era grande e forte, mas vivia apanhando dos colegas e chorando na rua. Já o Tarcísio, pequeno e magrinho, saía para defender o irmão.

No período em que Sardinha participava da Banda Nova, os ensaios aconteciam em um quarto que ficava bem na entrada de casa. Simone conta que a casa era cheia de instrumentos por causa disso. "Era uma barulheira danada, mas era bom", disse.

Sardinha – Porque eu acho que a pessoa não precisa viver só de música. Acho que a pessoa pode fazer qualquer outra coisa e fazer música também. Não lamento isso ter acontecido comigo, mas com certeza eu gostaria de ter feito outra coisa e também música. Acho que se os meus pais tivessem tido esse cuidado comigo, eu teria feito outra coisa também. Tenho certeza que, pelo músico que eu sou, eu tenho aptidão para música. Não estou reclamando de ter só a música, não. Eu posso fazer o que quiser hoje. Eu tenho tempo para isso, posso fazer um curso, qualquer coisa. Agora não tenho mais é saco. Eu com 46 anos! "Rapaz, porque tu não faz vestibular para música? Daqui a quatro anos, tu tá formado. Tu pode fazer curso para ser professor da Uece". Bicho, ó, ser professor da Uece não é tudo, não. Se me chamarem para dar aula lá, vou com maior prazer. Mas eu ser o rei da cocada da Uece? Não. Para mim, a Uece é que tem de ter interesse com o professor, não sou eu não. Eu gostaria de dar aula para lá sabe para quê? Para pegar um número maior de alunos que precisasse da minha experiência. Só isso. Eu lá vou fazer um pré-vestibular de novo. Eu lá tenho mais saco para estudar nada. Tenho pensado em outras coisas, sabe? Sei que para começar e não terminar e não valer, é melhor não fazer, né?!

Paulo – Sardinha, a música é algo bastante presente no seu cotidiano, além do trabalho. Na sua casa, tem muitos instrumentos...

Sardinha – ...Tem um negócio engraçado: eu não escuto música em casa... Nem som eu tenho. Agora, é no carro onde eu escuto música. Até como forma de trabalho. Trabalho no carro com música. Eu tenho uma música para fazer um arranjo, já vou escutando no carro. Quando eu parar o carro, vou pegar a caneta e já sei o que vou fazer. É tudo no carro. Porque em casa... Eu escuto música tantas horas do dia, em todo canto, que, quando chego em casa, estou a fim de ver é "Nas garras da patrulha" (programa humorístico da emissora local, TV Diário) (risos), qualquer coisa...

Paulo – Mas você, mesmo em casa, está sempre tocando. Você já chegou a incomodar alguém por estar sempre tocando e ter muitos instrumentos em casa?

Sardinha – Rapaz, a pessoa se acostuma. Eu trouxe o violão para cá, nem toquei porra nenhuma, mas é porque é mania. (risos). Eu trouxe só para isso mesmo (para ficar segurando). (risos). Eu não me vejo sem o violão. É muito difícil, sabe? É porque sem o violão é um negócio que parece que está faltando uma peça da roupa... Mas em casa é toda hora tocando. No banheiro, eu tenho

um violão fixo. Sai de lá não. A Bárbara está indo no mesmo caminho. Já peguei várias vezes ela com violão no banheiro. (Risos de todos). O banheiro é o melhor lugar para se tocar violão na casa, por causa da acústica. É bom demais. Parece que está ligado, que você está com o fone de ouvido.

Caio – Sardinha, nós entrevistamos alguns dos seus amigos e todos eles dizem que você tem um valor inestimável por ser muito companheiro e muito solícito. Eu peguei um depoimento da entrevista com Flávio Paiva (cearense, Flávio é jornalista, escritor e compositor de músicas infantis), em que ele fala as seguintes palavras para você: "Eu o considero um irmão, desses irmãos que a gente vai encontrando pela vida. Por muitos motivos eu o considero assim: o Sardinha é uma pessoa de coração muito bom, crédula, aberta e que está sempre ao seu lado, disposta ao que a amizade puder produzir. Esse é um aspecto que eu acho muito importante nele. É uma pessoa que eu tenho muita admiração tanto pelo talento artístico como pelo talento humano. Eu tenho muito carinho pelo Sardinha". A partir dessas palavras, o que você acha que contribuiu para formar essa imagem tão boa que você tem diante dos amigos?

Sardinha – (Silêncio). Isso é o que muita gente diz de mim. (começa a tocar o violão). Ah, é da pessoa mesmo. Eu sou assim mesmo. Meu jeito natural de ser mesmo. Eu me sinto muito bem em servir, em todos os aspectos e musicalmente também. Eu acho que é a minha função tocando. Acho que tem de ter uma pessoa dessas no grupo. Já pensou se só tiver todo mundo querendo aparecer, solando (faz um som com a boca para imitar uma desordem musical de instrumentos). Ninguém vai entender nada. Tem de ter alguém de base. Às vezes, a pessoa não tem humildade por nem saber mesmo. Por isso, eu prefiro ficar na minha. Agora tem um de-

"Eu sempre fui um menino e um homem ao mesmo tempo. O meu pai se separou da minha mãe, e quem sustentava a casa era eu."

Segundo Cristina, o som era tão bom que se pensava que os meninos estavam dublando um disco. Além de Sardinha (guitarra), faziam parte da banda Aroldo Araújo (baixista), Luizinho Duarte (baterista), Silvinha (cantora) e Zé do Norte (acordeonista).

talhe, papai, na hora em que me solicitam, eu vou. Eu prefiro assim, aparecer na hora em que for solicitado. Acho que é mais legal, como em tudo na vida. Acho que a melhor coisa é você estar preparado. Na hora, você vai e faz um solo. Aí eu “quebro o pau”. Mas não precisa ficar todo tempo.

Cleisyane – Nesse meio musical, tiveram muitas histórias engraçadas na sua vida. Na pré-entrevista, você estava até contando para mim e para o Paulo, a história de um show que você fez no interior e houve até um tiroteio... Mas você não chegou a concluir a história. Como foi?

Sardinha – (*Toca enquanto a pergunta é feita*). O engraçado foi a forma como a gente fugiu desse negócio. Uma cidade do interior, não lembro nem qual era a cidade, pequenininha. Já faltavam cinco minutos para as 4 horas. Já ia encerrar o show. E tinha um policial à paisana querendo aparecer. Lá não tinha palco, era aquele negócio apertadinho. O palco no chão, só com uma correntezinha. Corrente que dá duas desse negócio aqui (*aponta para a bancada que o separava dos entrevistadores, a uma distância de cerca de 50 centímetros*). E do lado (*do palco*), tinha um bar com um balcão maior do que esse aqui. Estávamos tocando eu, Aroldo Araújo, Zé do Norte (*compositor e acordeonista*) e Eliane. Sei que esse cara, rapaz, começou a atirar dentro desse clube, todo mundo correndo. Tirei o cabo da guitarra, pulei o balcão. Naquela época, eu era magrinho. Sei que todo mundo sumiu. Em questão de menos de um minuto não tinha mais ninguém no palco. E eu fiquei preocupado com o Zé do Norte, porque o Zé do Norte estava com a sanfona e é pesada. Ora, ele já estava no ônibus. (*risos de todos*). Ele estava dentro do ônibus. A gente foi mais rápido que todo mundo, pensando que tinha sido. Ora, o cara estava era no ônibus. Já estava para sair da cidade. Eu e o Aroldo trancados, uma por-

“Eu não me vejo sem o violão. É muito difícil, sabe? É porque sem o violão é um negócio que parece que está faltando uma peça da roupa...”

rada de mulher, tinha umas 20 mulheres no bar. As mulheres tudo chorando, e eu e o Aroldo com a guitarra e o baixo. Engraçada demais essa história!

Tatiane – A gente ficou sabendo também, na pré-entrevista, que você toca até dormindo. Como é essa história?

Sardinha – Às vezes, o cara toma umas e outras... (*toca o violão*). Você já ouviu seu ronco alguma vez? (*pergunta para Tatiane*). Não sei nem se você ronca. (*risos de todos*). O pior é que eu sou uma pessoa que ronca várias vezes. Eu toco e durmo e ronco e durmo e sei que estou roncando. O pior é o seguinte: não perco nada, não erro uma corda. Todo mundo sabe disso. Eu sou famoso por isso. Toco dormindo mesmo.

Tatiane – Mas isso já aconteceu em algum show?

Sardinha – Não, show não, é mais assim em negócio de noite, de barzinho. Porque show é tão pequeno, tão dirigido, uma horinha só. Em barzinho, você toca três horas num bar e tomando uísque. Aí pinta o cansaço de um dia todo de trabalho misturado com a bebida, e dá sono mesmo. (*risos*).

Paulo – Conversando com o Tarcísio Matos (*jornalista, compositor e amigo de Sardinha*), ele contou que, além de ser um grande piadista, você cria muitos bordões e frases de efeito. Ele disse que chegou a usar algumas de suas expressões para produzir o Mução (*personagem do humorista e radialista Rodrigo Vieira Emerenciano, famoso por “pegadinhas” e bordões em seu programa de rádio, que é transmitido em várias emissoras nordestinas*). De onde vem tanta criatividade?

Sardinha – (*Volta a tocar o violão*). É a convivência mesmo com as pessoas, com vários músicos. A gente pega de um e de outro, e mistura. É da vida mesmo. É brincadeira mesmo. Eu sou um personagem do Tarcísio. Eu não sei se vocês já viram no jornal *O Povo* as crônicas dele – ele inventa a história e diz que sou eu. Muita coisa boa já saiu.

Tháís – Na pré-entrevista, soubemos que você já morou na Praia de Iracema (*praia e bairro boêmio de Fortaleza*) e recebia muitos amigos. A Praia de Iracema foi inspiração para muitas músicas? Você tem saudade desse tempo?

Sardinha – Muito, muito. (*Volta a tocar o violão*). Foi uma época muito boa na minha vida. De trabalho também. Trabalhava muito quando morava lá (*continua tocando*). Foi onde eu comecei a compor música. Tomava banho todo dia na Praia de Iracema. Era uma vida de boêmio mesmo, de música. Não existia coisa melhor. Eu morava naquela última rua ali atrás da igreja de São Pedro,

Diana sempre ia para a casa de Sardinha assistir aos ensaios da banda. A mãe lembra que Sardinha dizia assim: “Mãe, lá está aquela moça de novo, coloca ela pra fora”.

Com nove anos, quando Sardinha se irritava com alguma bronca da mãe, ele dizia que ia embora de casa. Então, pegava um calção, a escova de dentes e um paninho, dava a volta no quarteirão e depois voltava para casa. Simone diz que ria muito disso.

Agora que Sardinha vive uma vida mais saudável, alguns amigos gostam de brincar quando eles se reúnem para tocar. Quando Sardinha chega, alguns dizem: "Eita, chegou o Sardinha. Traz a salada".



naquela última rua... Rua dos Pacajus. Só com poucos passos, e estava dentro d'água. Vizinho a minha casa, eu tinha um estúdio de gravação, onde eu trabalhava. (*Além disso*), eu tocava em todos os bares lá. Tocava no Cais Bar, no Compasso e no Portal (*antigos bares da Praia de Iracema. Hoje, nenhum deles está aberto*). Eu trabalhava todo dia. Tocava direto ali, e ficava no estúdio, produzindo discos, dirigindo e tal. De manhã, acordava cedinho, banho de mar, ia para o estúdio gravar e tal. À noite, "cervejinha", tocando. Tudo de bom.

Renata – Quanto ao bar Sardinha? Teve duas edições. Na verdade, Quintal do Sardinha. Você fechou e depois abriu de novo. O Quintal foi uma tentativa de unir o útil ao agradável, de juntar os amigos com a questão financeira também?

Sardinha – No meu caso, não era muito a questão financeira não. A questão financeira tá sempre envolvida, mas não tinha como ganhar dinheiro ali. Era mais pelo lance cultural mesmo, de juntar a galera. Na verdade, ainda hoje tenho sonho de fazer isso. Vocês iam ver como o negócio era sério. Muito bom, muita gente boa teve lá, muitos artistas famosos. É um espaço mais para as pessoas que gostam da boa música e querem ouvir uma música de qualidade. Na minha casa, no meu barzinho. Lá não tinha som. As pessoas não davam um pio. Já estava começando a ficar point. Turma vinha de fora e "Vamos lá no bar do Sardinha". Só acabou mesmo por causa de um vizinho que começou a reclamar. Não tinha nem som. O violão tocava como está aqui. Tudo desligado. Não tinha caixa de som, não tinha nada. (*Começa a tocar*). E todo mundo que estava no bar cantava. Qualquer pessoa que fosse conhecida cantava. Era maravilhoso. Não era uma coisa que eu montei um bar e tinha de ficar dentro do bar não. Eu não deixei de trabalhar. Quando eram 4 horas da tarde já estava aberto. Quando eu ia tocar, (às) 9 horas, eu me mandava. Como eu tinha muitos amigos, os próprios amigos músicos ficavam tomando de conta do bar. E a minha mulher também estava lá. Também botei (o

O namoro de Sardinha e Diana foi bastante curto. A família chegou a pensar que ela estivesse grávida. Mas, segundo Diana, o motivo do casamento rápido foi um só: paixão.

bar) porque minha mulher sempre foi para esse lado de cozinha. Gostava de cozinhar. Sempre trabalhou muito com isso. Tanto que hoje ela está gerenciando uma casa noturna. (*Volta a dedilhar o violão*).

Allan – Sardinha, naquela época, a Praia de Iracema era um polo de produção cultural. E você participava muito...

Sardinha – ...Ativamente. No Cais Bar, eu era uma espécie de diretor musical do bar. Contratava os músicos, agendava os shows para galera e tal...

Allan – Eu quero saber como você vê hoje porque, por exemplo, aquela região está bastante degradada. Como é isso de você ver aquele espaço que antigamente era sinônimo de muita diversão para você e de produção, e hoje...

Sardinha – ...A gente foi "chutado" dali, todo mundo. (*toca o violão*). Todo mundo que digo são os donos dos bares. Ali foi des-caso mesmo dos órgãos, dos governantes, principalmente da Prefeitura (*de Fortaleza*). Acho que o maior responsável é a Prefeitura. Imagina se eu sou o prefeito da cidade e deixo o negócio ficar daquele jeito! Uma prostituição da porra, todo mundo cheirando cola, porra! Isso não existe. Um lugar maravilhoso daquele ali. Que dificuldade de tirar o povo daquele lugar? Fecharam os olhos para aquilo acolá. Aquilo é um ponto turístico. Não tem justificativa. "Ah, porque ninguém consegue acabar com os mendigos que estão ali". Como é que não conseguem, cara? É triste. E outra coisa, na minha cabeça (*volta a tocar*) aquilo ali não volta mais. O dono do Cais Bar (*Joaquim Ernesto*) é muito meu amigo. Ele fez até alguns movimentos para poder voltar o Cais Bar, mas, bicho, afundou a Praia de Iracema total. Acabaram com tudo, inclusive com os prédios. Está tudo acabado! É um negócio triste. O "cabra" tem é medo de andar acolá. Para voltar, tem de acontecer uma reviravolta grande, uma reforma muito grande. O cara tem de interditar tudo e fazer tudo de novo. E jogar uma mídia em cima. Já tentaram, mas não conseguiram.

Por exemplo, aquele trecho do Dragão do Mar (*Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, equipamento cultural do Governo do Estado do Ceará inaugurado em 1999, localização na Praia de Iracema. Hoje, é um reduto da vida noturna de Fortaleza*) era pior (do) que tá agora o Cais Bar. Aquilo ali era abandonado. Era um lugar só de marginal. Onde é o Dragão do Mar, onde estão aqueles bares ali... Ninguém andava. Se andasse acolá, o "cabra" era morto. E não ajeitaram, pintaram aquelas casas, ajeitaram tudo? Graças ao Dragão do Mar também. Mas ali no Cais Bar vai ter de ser feita uma estrutura. É

difícil. Voltar como era antes... Vocês não conheceram, era um negócio impressionante! O Cais Bar naquela época, quando você vinha de qualquer parte do Brasil, no avião, já tinha uma mensagenzinha: "Visite o Cais Bar. A melhor feijoada com chorinho da cidade". Chorinho com feijoada lá, eu que levei... Era um negócio fantástico. Tinha gente de toda parte do mundo. O pessoal pirava. Era loucura mesmo! Era o bar que mais vendia cerveja no Brasil, pelo tamanho dele. A Brahma todo mês dava 50 mil em cerveja, porque vendia muito.

Cleisyane – Mudando de assunto, a sua mãe, dona Simone e suas irmãs, Kátia (*Kátia de Lima Carvalho*) e Cristina, disseram que você já recusou convites para lecionar fora do País. Isso foi pelo medo que você tem de viajar?

Sardinha – Não, não.

Cleisyane – E por que foi?

Sardinha – Já fui. Inclusive para França. Se fosse há um tempo... Mas hoje em dia não tenho mais interesse de sair daqui não (*começa a tocar*). Eu acho que para mim o mais importante é a qualidade de vida. Saio da minha casa na hora em que quero, vou para praia, vou aonde eu quero. Em cinco minutos, estou num canto. Eu já tive vários convites para morar no Rio. Agora mesmo, no ano passado, pintou convite para eu tocar com a Alcione (*Alcione Dias Nazareth, cantora, instrumentista e compositora maranhense*), para ficar tocando com ela. Me chamaram para tocar vários instrumentos. Como é uma cantora de samba, para tocar com ela precisa um cara que toque violão de seis cordas e cavaquinho. Então para mim dava certinho e para ela (*também*). Seria ótimo, mas, se fosse para ficar morando aqui. Mas para morar fora, não vale a pena. Eu toco com Dominginhos, com todos os artistas aqui, se quiser, é aqui... (*risos*). O Dominginhos tem a banda dele lá em São Paulo. Agora aqui a banda

dele sou eu mais uns dois amigos. Acabou esse negócio de sair daqui e ir não sei para onde. Não vou deixar minha casa aqui, meus amigos, minha vida toda que eu construí aqui e começar tudo de novo. Por causa de quê? O dinheiro é o mesmo. O dinheiro que eu vou ganhar no Rio de Janeiro ou em São Paulo é quase a mesma coisa que eu ganho aqui. Só tem uma diferença. Aqui, a minha qualidade de vida é bem melhor. Eu duvido que, no Rio de Janeiro, eu possa ter o carro que eu tenho aqui, ir para praia na hora em que eu quero. Tem de ralar para caramba lá, papai. O custo de vida é maior. Aqui, eu vou na minha mãe tomar um cafezinho. É aquele negócio de tá em casa, né?

Caio – Sardinha, nas pré-entrevistas que a gente fez, as pessoas falaram que você tem fobia de lugares fechados. Por exemplo, você não anda num banco de trás de um carro...

Sardinha – ...E isso foi do ano passado. Esse negócio eu não tinha não.

Caio – Eu queria saber justamente isso. De onde veio isso...?

Sardinha – ...Psicológico. Eu evito. Às vezes, eu ando. Se tem um carro de duas portas, não ando. Em um carro de duas portas, não me bote no banco de trás, porque não

“Das coisas materiais, eu não tenho muito interesse em guardar. Que negócio de guardar dinheiro! (...) Vou levar da vida a minha música.”



No dia do casamento civil, os dois estavam embriagados. O juiz esqueceu o casal. Mesmo assim resolveram esperá-lo no cartório. Esperaram dormindo. Diana dormiu sentada e Sardinha, mais folgado, deitou-se no banco.

Diana disse que quando abriu o olho e viu Sardinha deitado no banco, quase morreu de vergonha. Ela diz que, se naquele dia não desistiu, "não dava para desistir dele nunca mais".

Dos cinco filhos de Simone, três são músicos: Sardinha, Gladson Carvalho, maestro da Orquestra Filarmônica do Ceará, e Patrícia Lima, pianista. Nenhum dos três teve aulas de música na infância ou na adolescência.

tem nem perigo de eu ir. Agora um carro de quatro portas, eu vou, porque qualquer coisa a gente baixa o vidro, né? (*risos de todos*). Em elevador, eu ando, mas tem de ser um bem novinho, de um prédio legal. Nesses elevadores “fuleragem” não ando. E avião não tenho (*fobia*) (*volta a tocar*). Não gosto, mas ando. Agora em ônibus, já está com muitos anos que não ando. Só se for o jeito. Em último caso. (*volta a tocar*).

Paulo – Você, que foi um cara que teve uma vida boêmia, sempre gostou de beber. Nos últimos tempos, você está tentando dar uma regrada por problemas de saúde. Você sente falta da vida que você levava antes?

Sardinha – (*Continua tocando*). Não, minha vida é a mesma. Ando nos mesmos lugares, só não estou bebendo. Parei de beber por dois motivos: primeiro, o mais importante, eu tenho um problema muito grande que só bebo comendo. Eu não consigo beber sem comer. Bicho, eu estava com 112 quilos. Agora vou me cuidar. Mas sabe como é difícil o cara emagrecer! Pense num negócio difícil! Eu tive um problema de pressão agora há pouco tempo. Chega uma hora em que o organismo da gente pede. Já não está mais aceitando aquilo ali, tem de parar ou morre. Um dia a gente tem de parar e mudar a vida da gente mesmo... Então, eu aproveitei que estava sem beber: “Pô, vou fazer uma dieta”. O que me engordava muito era o tira-gosto. Bebida e tira-gosto. Se eu tirar bebida e tira-gosto... Em duas semanas, eu “quebrei” oito quilos sem fazer nada. Eu não levanto uma caneta. Nunca fui de malhar. Aí, eu peguei ar. “Vou em frente”. Então passei 3 meses sem beber e perdi 25 quilos. Não estou mais jantando “comida de panela”. E não fui a médico nenhum. Para você ver, tudo é só você querer. Agora estou com 80 e poucos quilos.

Tatiane – Sardinha, o Tom Jobim (*Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista carioca – 1927/1994*) disse certa vez: “A gente só leva da vida a vida que a gente leva”. O que você acha que vai levar da sua vida?

Sardinha – Vou levar da vida, primeiramente, muitos amigos, tenho muitos amigos, mas muitos amigos mesmo, de na hora que precisa chega junto. E, graças a Deus, (*fala tocando o violão*) tem muita coisa que vou deixar também, as minhas composições, são muitas não, mas para quem trabalha com música instrumental, já tenho mais ou menos umas 80 músicas entre música instrumental e parcerias. Tem muita música cantada também, mas com parceiros, letristas, daqui de Fortaleza. Das coisas materiais, eu não tenho muito interesse em guardar. Que negócio de

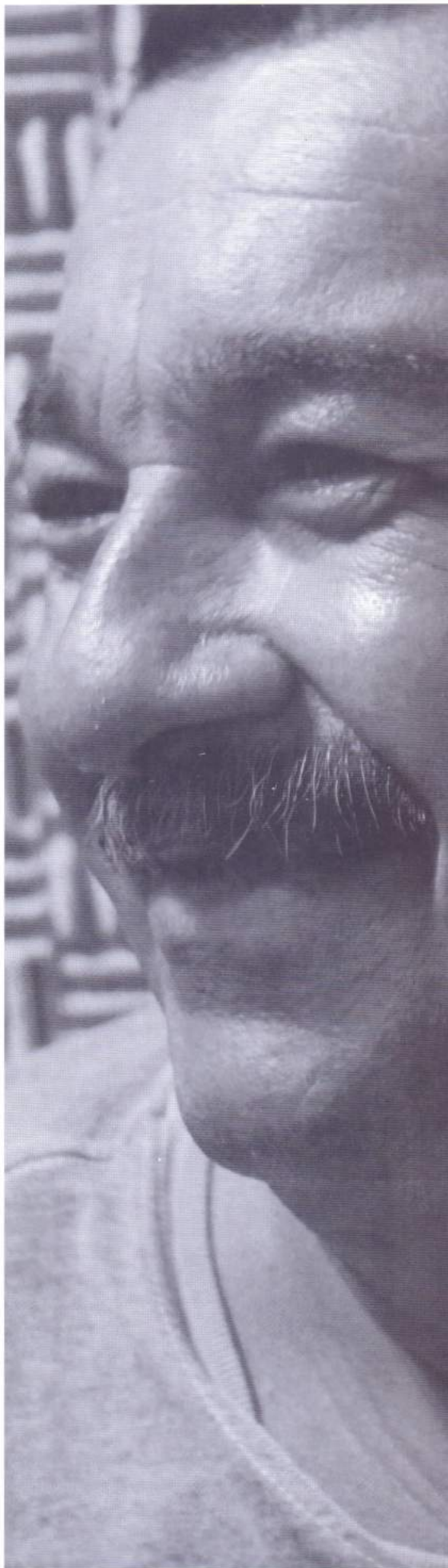
guardar dinheiro! Fica é para os outros ficarem brigando. Vou levar da vida a minha música.

Cleisyane – Durante a produção da entrevista, conversamos com pessoas da família e também com amigos. E todos ressaltaram seu companheirismo. Flávio Paiva até se referiu a você como um artesão de amizades, porque você sabe cativar as pessoas e cultivar as relações de maneira desinteressada. Alguns de seus muitos amigos já partiram. Acredito que o mais recente foi o Zé Renato (*amigo de Sardinha, o violonista cearense faleceu em abril de 2010*). Esses amigos, pelo que a gente pôde perceber, complementam o personagem e o humano Sardinha. Quero saber não apenas o significado deles na sua vida, mas também o que se perde no momento em que um deles dá adeus. (*a pergunta foi lida*).

Sardinha – Para mim, o significado de amigo é tudo. Tudo mesmo. Às vezes, eu acho que a gente se identifica mais com os amigos do que com a própria família. Tenho primos que não vejo há 30 anos e amigos que eu não consigo passar uma semana sem ver. Tenho amigos muito bons. Eu sinto muito quando vai um amigo meu. Teve um que morreu agora depois do Zé Renato, que é o Alex Holanda (*compositor e arranjador cearense, faleceu em outubro de 2010 aos 47 anos*), percussionista, pessoa que já vinha com problemas há muito tempo, mas é uma pessoa humana muito boa também. Chato! Agora é o seguinte: inclusive é uma coisa que vou dizer aqui e que serve para todo mundo. Eu procuro dizer isso pros meus filhos. A vida muda muito, a cada dia vão mudando as coisas da vida. A gente tem de procurar conviver com isso. Isso é muito importante. Conviver com perda. Aprender a conviver para gente aguentar mais o tranco. Digo isso todos os dias para os meus filhos porque sei que um dia eu vou. Espero ir primeiro que eles. O normal da vida é isso. Foda é quando o cara perde um filho. É de lascar. O cara com quase 50 anos, aí morre um filho com 20 (*anos*). É de lascar. Mas tem de aprender a conviver com essas coisas. Acontece com muita gente. A gente tem de ver, como o Zé Renato e o Alex Holanda, eu sempre procuro lembrar o lado bom do cara, os bons momentos com ele (*Zé Renato*) e a saudade faz parte. Muito triste, mas... Por isso que é bom a gente passar por essa vida limpo. Limpo que eu digo é não desejar mal ao próximo. Se você não desejar mal ao próximo, querer o bem das pessoas, só isso já basta. Tá limpo, como o Zé... O cara vai, mas vai ficar uma lembrança boa. Chato é quando o cara vai... “Aquele cara ali, bicho,

Sardinha convidou a equipe de produção para assistir a um show do Fausto Nilo, no Teatro José de Alencar, durante a produção da entrevista. Quando acabou a apresentação, ele nos levou até o camarim. Na descida das escadas, as calças de Sardinha caíram e ele fez logo o alarme: “Valha, minha nossa senhora, as calças caíram. Perdi mais de 25 quilos...”.

ô cara chato". Eu tenho um grande amigo que se chama Luiz Sérgio Bezerra de Moraes (compositor cearense, do município de Várzea Alegre, que faleceu no fim da década de 1980). Nunca me esqueço dele. Um grande músico. Foi ele que me colocou no meio musical. Um cara que nunca me esqueço dele. Era uma amizade muito boa. É como o Flávio Paiva falou, tenho muita facilidade de fazer amizades com as pessoas. Meus amigos são amigos mesmo. Gosto muito dos meus amigos mesmo. Espero viver muito ainda e fazer muita coisa, muita música, sem bebida, para não morrer (*risos de todos*). Senão não vai longe. Tenho de viver e magro (*ênfatisa*) (*risos de todos*). Tenho de lutar contra a balança todo dia.



A produção conversou com Sardinha sobre a possibilidade de ele tocar no lançamento desta edição da Revista Entrevista. Ele se empolgou e garantiu que tocaria.

Quando terminou a entrevista, Tatiane disse ser muito fã de Sardinha e pediu para ele dar uma palhinha para a turma de "Coração Condenado", composição de Fausto Nilo, Gracco e Stélio Vale.